

NÓS E A ÁFRICA PORTUGUESA

Quando fala em união luso-afro-brasileira, Senghor deixa bem claro que isso só pode ser pensado depois da independência dos territórios portugueses da África. Ora, o Governo português não quer saber disso.

Para começar, Portugal oficialmente não tem colônias: tem províncias de ultramar. Não admite, portanto, qualquer discussão sobre colônias. Podemos estar quase certos de que, enquanto Salazar viver, nenhum diálogo verdadeiro será possível com os líderes da luta de libertação africana. Toda vez que algum deles tentou qualquer entendimento com o Governo português para uma colocação pacífica do problema, foi refugado. É por isso que mesmo os países africanos mais amigos de suas antigas metrópoles — como é o caso do Senegal — foram levados a cortar suas relações com Lisboa. A intransigência lusitana é total.

O melancólico dessa história é que o colonialismo português é de um tipo arcaico. Sem capitais para promover um desenvolvimento verdadeiro das colônias, Portugal se associa, para explorá-las, aos mais diversos grupos capitalistas do mundo. Nem podia ser de outra maneira, quando o próprio Portugal é um país com todas as características de subdesenvolvido, com o nível de vida mais baixo da Europa, e é mesmo dependente em grande parte do capital estrangeiro. Nas colônias, onde seu domínio político é absoluto, é economicamente um condômino e socialmente um feitor.

Fala-se muito, citando o exemplo do Brasil, na democracia racial portuguesa. O que pouca gente sabe aqui é que a população de mestiços de Angola é 0,6 por cento da população total, e a de Moçambique ainda menos. Os casamentos mistos tornaram-se mais raros à medida que os portugueses da metrópole eram encorajados a emigrar em famílias. A mistura racial na África portuguesa é comparável à do Sul dos Estados Unidos.

O pior é que Portugal depende em boa parte de suas colônias. Sua indústria têxtil, por exemplo, é baseada em um algodão comprado a preço baixo, graças às condições vis de trabalho na África. E as "províncias ultramarinas" consomem 35 por cento da produção de tecidos a preços protegidos contra a concorrência estrangeira. O principal produto de exportação da África

25.9.64

6ª feira

113

portuguêsa foi, durante muito tempo, o negro. O grande negócio era vender prêto. Hoje êle não pode mais ser vendido, mas é alugado à África do Sul.

Enfim, que diabo poderá fazer o Brasil nessa "comunidade" mantida por tropas de ocupação? Tudo o que podemos fazer é manter uma atitude simpática às populações africanas para que possamos nos entender bem com elas depois da inevitável libertação. Foi o que se começou a fazer atraindo para aqui estudantes da África. Mas isso acabou da maneira mais vergonhosa, com a prisão e tortura de angolanos... Por sinal que pelo menos um deles continua prêso, depois de torturado por oficiais de Marinha e esbirros do Sr. Carlos Lacerda, a quem quero dizer apenas isto: bastaria para mim sua atitude inconcebivelmente reacionária a respeito das colônias portuguesas, atitude de um ultra-Goldwater, para tornar seu nome impossível de ser sequer levado em conta como candidato à Presidência da República. E garanto que êste sentimento não é apenas meu.

Em defesa do Cel. Borges

A respeito de minha crônica em resposta a uma carta endereçada ao JB pelo Cel. Gustavo Borges, recebi uma carta do Cel. Marcos E. Coelho de Magalhães, da Aeronáutica. A carta vai publicada em outro local desta edição, o que faço em atenção às altas qualidades de patriota e democrata do militar que a assina.

Devo observar, entretanto:

a) até agora não se conhece qualquer providência do Governo do Estado relativa à acusação de que funcionários da DOPS torturaram determinados presos políticos em dependências da Marinha de Guerra ou na própria Polícia.

b) jamais escrevi que os chineses presos tenham sido torturados; limitei-me apenas a dar crédito a *documentos* divulgados pela Polícia, como a lista de pessoas a serem executadas, a lista de pessoas que recebiam subvenções dos chineses e a carta que teria sido escrita por um deles. A mentira oficial, fácil de desmascarar, só pode servir aos inimigos do regime, e tais *documentos* lembram irresistivelmente o *Plano Cohen*.

c) não tenho qualquer motivo para duvidar das boas intenções e do patriotismo do Cel. Gustavo Borges, e jamais lhe atribuí ordem para maltratar presos.

25-9-64
6º feira